

ESTUDOS-NACIONAIS
SOB A ÉGIDE DO
INSTITUTO DE COIMBRA

TRAJE À VIANESA

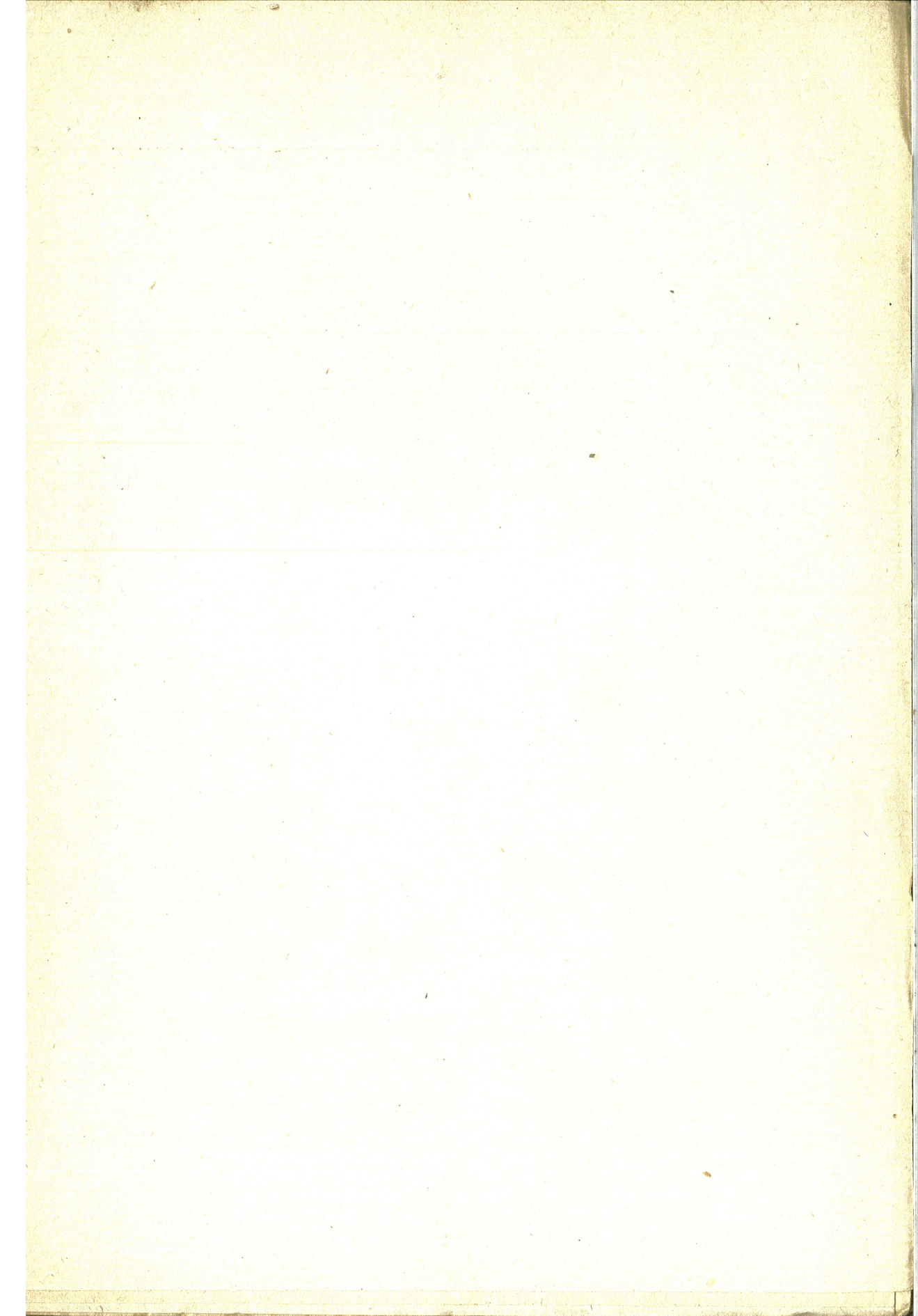
POR

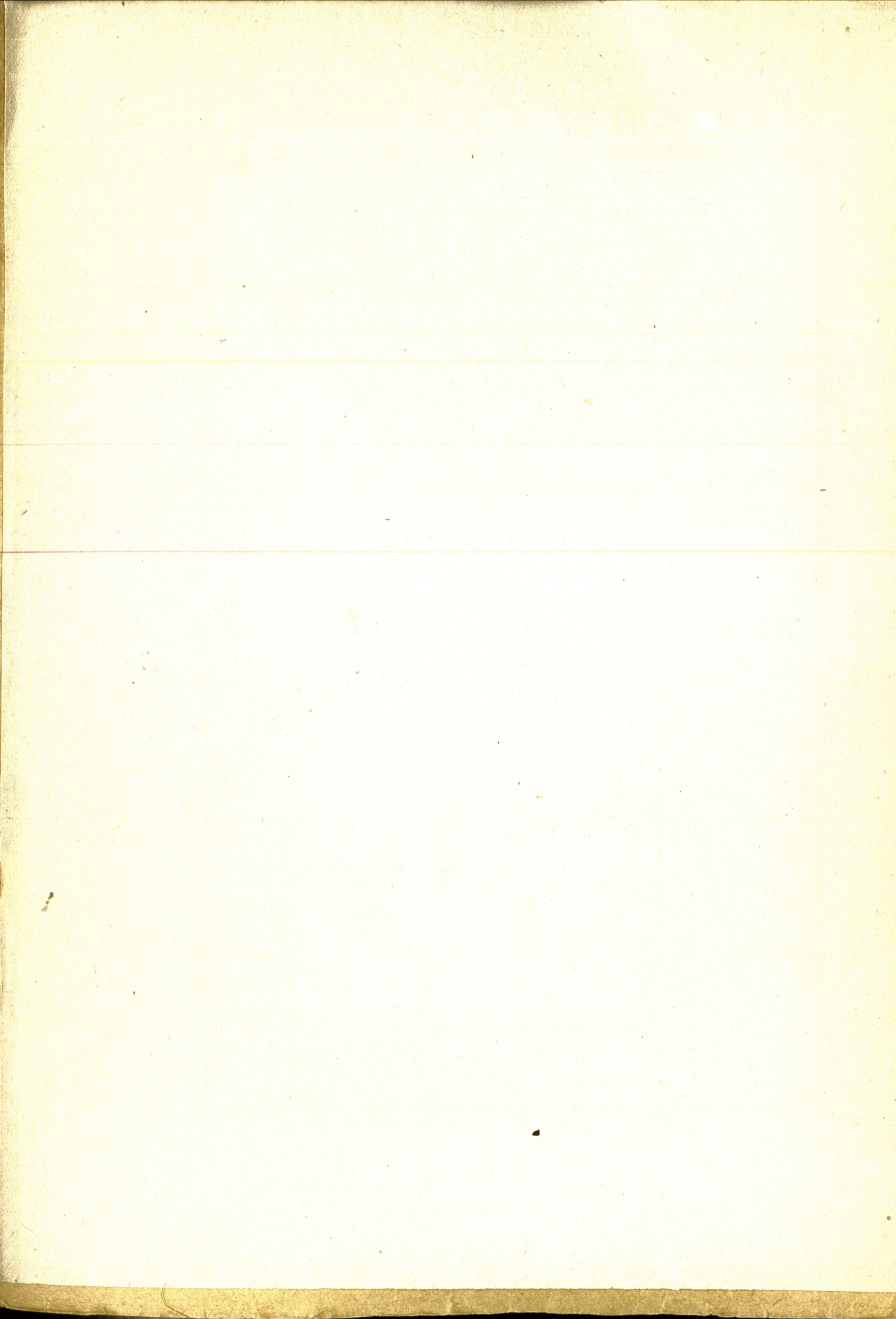
CLÁUDIO BASTO



EDIÇÕES APOLINO
GAIA — PORTUGAL
M C M X X X







EX-LIBRIS:

Na capa:

Uma afifense (aguarela do pintor Joaquim Lopes).

TRAJE À VIANESA

APOLINO—GAJA
M C M X X X

Do mesmo autor:

Literatura e crítica

- Ironia galante**—Viana-do-Castelo 1912.
Breve Notícia acôrca de A. R. Gonçalves Viana—Pôrto 1914.
Meditação de Amor—Viana-do-Castelo 1917.
Três Cartas de Camilo—Viana-do-Castelo 1917.
Uma Explicação (Por causa das «Três Cartas de Camilo»)—Viana-do-Castelo 1917.
O chamado «Instituto histórico do Minho»—Viana-do-Castelo 1922.
Flores do frio—Viana-do-Castelo 1922.
Obras de Camilo—A «Colecção do Centenário»—Pôrto 1924.
Foi Eça de Queirós um plagiador?—Pôrto 1924.
O Doutor Diabo—Pôrto 1928.

Medicina

- Alma doente (A Génese da Psicastenia)**—Viana-do-Castelo 1912.

Filologia e Etnografia

- Nótulas ao «Novo Dicionário» [4 séries]**—1913-1916.
«Saudade» em português e galego—Pôrto 1914.
Medicina popular:
 I. **Espinheja-caída**—Viana-do-Castelo 1915.
 II. **Raiva**—Pôrto 1915.
 III. **Bexigas**—Pôrto 1916.
 IV. **Quebradura**—Pôrto 1916.
Formação popular de «nomes-de-unidade»—Lisboa 1916.
 2.^a edição—Coimbra 1930.
Nomes das «agulhas» sêcas—Pôrto 1916.
A Linguagem de Fialho—Pôrto 1917.
Morrinha-morriña—Pôrto 1918.
«Cavalo tremedal»—Viana-do-Castelo 1920.
No seio da Virgem-Mãe [com a colaboração dos D.^{res} D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e J. Leite de Vasconcelos]—Viana-do-Castelo 1922.
Determinismo e previsão do sexo—Pôrto 1923.
A Mulher do Minho—Famalicão 1924.
Comparações tradicionais portuguesas—Esposende 1924.
Flores de Portugal—Colecção de cem das mais lindas cantigas do Povo Português—Pôrto 1926.
A Linguagem de Camilo—Pôrto 1927.

Publicações periódicas

- Límia** [com João da Rocha, J. Páris e A. Meira], 1 volume—Viana-do-Castelo 1910-1912.
Lusa [com Pedro Vitorino], 4 volumes—Viana-do-Castelo 1917-1924.
Portvcale [com Augusto Martins e Pedro Vitorino]—Pôrto. (Em publicação desde Janeiro de 1928).

OS LUSÍADAS de Luís de Camões—Edição organizada por Cláudio Basto, com Anotações e Vocabulário—Pôrto 1930.

ESTUDOS-NACIONAIS
SOB A ÉGIDE DO
INSTITUTO DE COIMBRA

TRAJE À VIANESA

POR

CLÁUDIO BASTO



EDIÇÕES APOLINO
GAIA — PORTUGAL
M C M X X X

173027

FALA-SE muito, por aí, em «traje à moda do Minho», «traje à minhota», ou «traje à moda de Viana», «traje à vianense», «traje à vianesa» — usadas tôdas estas expressões como sinónimas —, e, assim falando, dá-se a entender que no Minho há *um traje* característico feminino, *provincial*, e que êsse traje está, por qualquer maneira, particularmente relacionado com Viana-do-Castelo ⁽¹⁾.

Ora, na província do Minho não há, para as mulheres, como para ninguém, *um só* vestuário regional típico — e nem sequer o há em Viana-do-Castelo. Dizendo-se «Viana-do-Castelo», há de perceber-se o concelho, e não a cidade, pois, quanto a indumentária, pode-se dizer que nada hoje subsiste nela de local, mas sim pelas aldeias que lhe ficam ao redor.

— ¿ Que é, porém, antes de mais nada, «traje à moda do Minho» ou «à vianesa»?

(1) Diz-se *trajo* e *traje*. Ambas as formas são legítimas. Cândido de Figueiredo acha a segunda melhor do que a primeira (*Vade mecum dos estudiosos da língua*, 2.^a ed., Lisboa 1924, *sub voce*, e *Lições práticas da língua portuguesa*, vol. 1, 7.^a ed., Lisboa 1923, pág. 215). Nesta última obra, lê-se: «disse que deixássemos os *trajos* a quem precisasse dêles para rimar com *andrajos*»... Nos *Lusiadas*, por ex., encontra-se *trajo* fora da rima: *o trajo e a forte armada* (I, 62); *a maneira do trajo diferente* (II, 99); *o trajo novo* (VII, 23); *no trajo e jeito* (VII, 59); *de estrangeiro | trajo sair da grande armada nova* (VIII, 18). Ambas as formas são por igual boas, e se topam nos mestres da língua. Na presente obra, de assunto popular, dou preferência a *traje*, por ser a forma que o povo usa.

«Traje à moda do Minho» ou «à vianesa» (são estas as formas-de-dizer mais usadas no país, mas, por terras minhotas, usa-se especialmente a denominação de «traje à lavradeira») é um vestuário feminino, de festa, de «grande gala», apenas usado em dias assinalados e por m^oças *de algumas aldeias* do concelho de Viana-do-Castelo.

Em Viana-do-Castelo, quando se fala em «traje à lavradeira», sem especificação alguma, entende-se em geral o «vermelho» das lavradeiras de Santa Marta-de-Portuzelo (freguesia a uma légua ao Nascente da cidade, e na qual há também um belo «traje azul», como se verá), não só por ser aquêlê vestuário o que mais agrada ao comum dos habitantes, pelo seu colorido quente e variado, mas ainda por ser o que a indústria caseira e o comércio local mais espalham na região [Est. II]. Notando-se, desde já, que na Meadela, freguesia entre aquela povoação e a cidade, e noutras aldeias próximas, êsse fato se usa também, embora com variantes locais por vezes tradicionalmente fixadas, mas que não conseguem todavia mascarar a côr, o aspecto, a linha primitivas.

Por l^onge de Viana, o comércio espalha de preferência trajes mais garridos, os mais *vermelhos* de todos, com saia em que o vermelho domina fortemente, — como os de Areosa (freguesia muito próxima da cidade, à beira-mar) [Est. IV]. São os que, de ordinário, se vêem nas bonecas *vestidas «à moda minhota»*, — os únicos que, país adiante, por muitíssima gente são tidos como os autênticos fatos «à moda do Minho» ou «à vianesa», — neste último caso ainda por VIANA ser um dos nomes preferentemente bordados na parte superior do avental ou da aljibeira.

No concelho de Viana-do-Castelo, porém, há diversas modalidades de trajes femininos.

Concelho de vária face—ora alegre, viçoso, florente; ora tristonho, monotonizado por montes escurecidos de pinhais —, êle parece espelhar no vestuário das mulheres o seu mudável aspecto.

Aqui, a cantarem entre o canto aberto da terra, côres intensas, — o vermelho das papoulas, o verde dos «paúis», o amarelo dos girassóis, a côr ardente da laranja madura... Além, no sombrio dos pinheiros, pelas corcovas tristes da serra, longe do afago embalador do mar a dormir, côres «modestas» (como o povo diz), que parece quererem disfarçar-se com as do solo, como num receoso mimetismo, — e, humildes embora, surgem então a dar graça ao vestuário da mulher as côres da fôlha-sêca, do musgo, do pinhão, da flor do rosmaninho ou da urze, das florinhas singelas que timidamente vivem nas ásperas solidões e de que ninguém sabe o nome sequer...

Não há como as grandes feiras, as grandes romarias sobretudo, para se admirar a variedade do trajar feminino, cujas côres mais ou menos vistosas, mais ou menos claras, vivas ou «modestas», melhor sobressaem entre o escuro das roupas masculinas.

E é nas grandes feiras, nas grandes romarias do concelho de Viana-do-Castelo, ou dos concelhos limítrofes, que principalmente surgem, em notável número, os trajes «à lavradeira».

Em tôda essa confusão colorista de roupas mulheris, tam característica de boa parte da região minhota, são, na realidade, bem distinguíveis êsses trajes «à lavradeira» — nome que, por vago, é tam impróprio, tam impreciso, como o de «traje à moda do Minho» ou «à vianesa».

Embora êsses trajes admitam — digamos assim — *um padrão*, a que se cingem no mais importante do seu aspecto geral, êles apresentam variações apreciáveis, de aldeia para aldeia, — não esquecendo que só em algumas aldeias do concelho de Viana-do-Castelo êsses trajes estão em uso.

Com as modalidades que oferece o vestuário «à lavradeira» podem formar-se, pelo menos, três tipos — dois à beira-mar (de Afife e Carreço, um; e de Areosa, o outro) e um terceiro no interior do concelho (de Santa Marta-de-Portuzelo e Pêrre).

Há nestes, — como noutros vestuários femininos da região, menos individualizados, — linhas comuns que definem, como se disse, um plano, um tipo geral — abstraindo das variações locais ou da moda (também há «modas» no vestir regionalístico), abstraindo das espécies e agrupamento das côres, da forma e disposição de ornatos e desenhos.

É por isso que, olhando fotografias de trajes regionais distintos, o observador, desatento às minúcias do desenho, e que não diferencia o colorido, que o retrato sumiu, confunde naturalmente êsses trajes, supondo-os a todos iguais. Já não quero deduzir prova de não raro se verem, por salas e palcos, mormente fora de Viana-do-Castelo, vestuários «à minhota», em que a desatenção é levada ao ponto de cada peça corresponder a sua aldeia (quando corresponde a qualquer realidade!), num mistifório simplesmente horrível ⁽¹⁾.

Os trajes «à lavradeira» (como vinha dizendo), pondo à margem as côres, os enfeites, e uma ou outra minúcia, sujeitam-se a um padrão geral, que é o seguinte: — Saia curta (aí pelo tornozelo), às listas verticais, de roda farta, e pregueada miudamente na cinta, com barra larga a que chamam «fôrro»; — avental, franzido também na parte superior;

(1) Fora de Portugal, nem falemos! A revista norte-americana *The National Geographic Magazine*, de Washington, em Novembro de 1927 (N.º 5, Vol. LII, estampa XII) publicou um traje de Viana (lê-se *Viana* no avental), cujas côres e desenhos são falsos. ¿E sabem como êle está vestido? O colete — naturalmente para se verem os ornatos... — está com as costas para o peito! O lenço do busto (que por sinal é todo verde!), êsse está ao ombro, com uma ponta para diante e outra para trás, a fim de se verem bem — evidentemente! — os ornatos das... costas do colete. O lenço da cabeça, pousado sobre a testa, deixa es-correr as pontas pelo dorso da rapariga. Dos sapatos, não se diz nada, porque também os vemos pelas salas e palcos do nosso país.

Da falsidade do vestuário, em desenhos e côres, não têm culpa os estrangeiros. Os trajes, assim falseados, são tecidos no próprio concelho de Viana-do-Castelo! As tecedeiras fabricam trajes de fantasia, para exportação, — trajes que também por cá se vêem, fora das terras vianenses. Bom era que esta falsificação acabasse. É estúpida e desonrosa.

- camisa branca, de mangas compridas, apanhadas nos ombros ;
- colete que não desce da cintura [Fig. 14] ;
- lenço traçado no peito e apertado atrás, na altura da cinta (a maior parte das vezes é meio lenço, que substitui perfeitamente o lenço inteiro dobrado em diagonal) ;
- lenço trespassado sôbre a nuca e atado no alto da cabeça ;
- aljibeira, que na forma lembra o coração [Figs. 11 e 12], e visível entre a saia e o avental ;
- meias brancas, feitas à mão ;
- chinelas.

A mulher é perfeitamente flexível na cintura, pois as saias e o colete se não sobrepõem. Os seios, amparados pelo colete, avolumam sob o lenço que, traçado, lhes disfarça misteriosamente a precisão da curva. As saias salientam as ancas, já de si, no geral, fortes e largas. O «cachené», atado no alto da cabeça com um nó de grandes pontas, deixa o torneado esbelto da garganta ao ar, e aí, e peito abaixo, luzem oiros com abundância e vaidade.

Esta figura, jeitosa e robusta, que respira energia e saúde, equilibra-se com tóda a naturalidade numas chinelinhas, calçado exíguo que só as pontas dos pés movem e sustentam. As mulheres não só andam, mas — coisa prodigiosa de se ver! — correm e dançam, com a chinelinha, tique, taque, sempre em seu lugar, como se estivesse articulada ao próprio pé! A chinela, como sabem, encobre quasi só os dedos, deixando à mostra o calcanhar e o peito —, precisamente o que mais tentador e artístico há num lindo pé de mulher.

DOS trajes «à lavradeira» característicos do concelho de Viana-do-Castelo, começarei por especificar o mais simples — o de Afife, aldeia a doze quilómetros para Noroeste da cidade, à beira-mar.

Nada vou dizer, evidentemente, dos «trajes do cotio», — e, da roupa domingueira, apenas falarei do traje de que se ocupa esta monografia.

Aparecem às vezes, em estampas, raparigas a trabalhar, com os seus vistosos, e hoje caríssimos, trajes «à lavradeira», que nem por todos os domingos e dias de festa se trazem...

Aquilo é apenas das estampas, que, na vida real, esta gente, económica a mais não poder ser, veste da pior roupa que tem, para labutar de sol a sol...

Deixarei — quanto a Afife — a *saia-d'encosta* e a *saia-de-vergastadas*, a saia *branquinha* e a *escurinha*, o vestuário *de saia e blusa* (saia à lavradeira e blusa à tricana) e o vestido *de comprido* (à tricana todo êle)... Só tratarei, como disse, do traje «à lavradeira» [Est. 1].

A saia, que é tecida com lã, sendo de algodão a urdidura, não tem «basta» (1). As côres — estou-me referin-

(1) A «basta», usada amiúde no interior do concelho, serve para abalonar a saia.



Lit. Lusitana — Gara

EST. I — Affe.

do à saia da «moda» — dispõem-se às listas verticais, pela seguinte forma: largos listões vermelhos, que têm um fio preto longitudinal ao meio, alternam com listões pretos muito menos largos e que têm, a correr também pelo meio, uma estreita lista branca. No cós — «emenda», na linguagem do povo —, a saia é franzida em pregas muito juntas, nelas surdindo, às riscas agora, as côres referidas. O «fôrro» — recorde-se que o «fôrro» é a barra que guarnece em baixo e exteriormente a saia —, o «fôrro» é azul-marinho. Períodos há em que, por moda, é preto. É, na verdade, uma saia de belíssimo efeito, onde se afirma um raro bom-gôsto aldeão!

O colete tem uma «cinta» ou «barra», alta, preta, e é de côr vermelha para cima, — enfeitado sòbriamente a lãs de côres, missanga, vidrilhos, lentejoulas, consoante a vontade e critério de cada qual.

Também é predominantemente vermelho o avental, com listas pretas, sem «emenda», — muitíssimo simples.

Os aventais nem sempre têm, em Afife, esta simplicidade — que é a mais própria do traje local. Assim, por exemplo, às vezes as listas verticais, aí pelo meio do avental, são cortadas por outras transversais, que vão de ordinário até baixo; estas listas atravessadas ficam, no entanto, indistintas, mascaradas por «topes» das lãs, de modo que a metade inferior do avental oferece a aparência de um curioso tapête, — aparência vária, ao gôsto da tecedeira, mas sempre de composição lindamente singela e harmónica.

As aljibeiras não têm o luxo ornamental das do traje «à vianesa» nas aldeias interiores do concelho. Uns bordados simples, a lãs coloridas; uma fita de côr, encanudada, na orla, — e pronto! Em regra, é isto apenas.

No geral, o lenço-da-cabeça é «côr-de-canário», e o lenço-do-peito é côr-de-laranja, tanto um como outro com franjas da respectiva côr, e com barra de ramagens floridas. Nestas ramagens, domina o encarnado e, secundariamente, o verde.

Contra o usual nos mais vestuários do concelho,— em Afife, as meias são lisas, sem abertos; as chinelas nunca têm bordados; e a camisa também não ostenta bordados nos punhos e nos ombros. As raparigas arregaçam as mangas um quási nada e com negligência graciosa. Em tudo, a simplicidade.

Falta dizer que, entre as variações impostas pela «moda» de quando em quando, figura a adaptação, ao decote da camisa, de uma leve gola arrendada [Fig. 1].

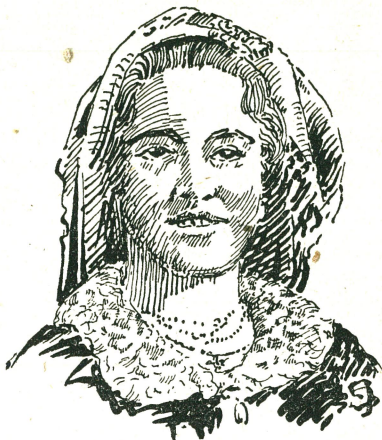


FIG. 1

É um belo traje — êste de Afife.

A saia, com seus listões largos, em que a viveza do encarnado é a um tempo salientada e suavizada pelo contraste do negro, que por sua vez é suavizado e salientado pelo branco, sendo a largura destas várias listas muito bem proporcionada, — é na realidade uma saia artística, de desenho simples e feliz.

A combinação do vermelho e do preto é, aliás, a base do colorido — não só da saia, mas também do avental e do colete —, e de todo o vestuário ressaí a mais harmoniosa e fina singeleza.

É nesta singeleza, que sabe concordar as côres e que tira de um número reduzidíssimo delas, opulência de efeitos, sem alardes, sem demasias de risco e adorno, — é nesta harmoniosa e fina singeleza que está a maior sedução do traje afifense, o seu verdadeiro carácter.

Então no corpo das mulheres de Afife, de ar tam senhoril e educado, — o belo traje adquire mais graça, mais arte! Ninguém o vestiria com tanto donaire como estas mulheres de Afife, de rosto gentil, mimoso, a que

nem o sol, nem o vento conseguem crestar o cetim da pele, embora elas, tôda a semana, ao queimor do sol e à viração do mar, escassamente guardadas com um chapêirão de palha, trabalhem como homens, sem parança, com denôdo, soltando pela veiga fora o seu cantar de alegria!

*
* *

Entre Afife e Viana-do-Castelo ficam as aldeias de Carreço e Areosa.

São as três aldeias do concelho de Viana que ficam à beira-mar, — para o Norte do Rio Lima.

O monte corre paralelamente ao oceano, e, entre um e outro, estende-se uma veiga fértil onde o cereal — o trigo, o milho, o centeio — se desenvolve até mesmo à babugem das ondas. Quando as searas vestem essa faixa de húmus, a veiga é um longo tapête verdejante e doirado, cuja alegria fecunda ressaí melhor em contraste com o azul do mar ao Poente e o sombrio da montanha ao Nascente.

Paísagem simples, todavia: monte, veiga, mar. Conjunto admirável, não haja dúvida!, que, sem fatigar, encanta, — mas de três aspectos sòmente, para assim dizer uniformes.

Casa-se bem com a simplicidade da paísaagem, a simplicidade dos «trajes à vianesa» das três freguesias, — risonhamente aninhadas, a pequenos intervalos, na dobra da montanha para a veiga.

Em Carreço, perto de Afife, o traje é idêntico ao de esta aldeia. As discordâncias são poucas e secundárias.

O lenço da cabeça é de campo vermelho, assim como o do peito. O «fôro» da saia é preto, igualmente sem «silva». O avental não tem a singeleza de o característico de Afife, apresentando ornatos em disposição geralmente quadriculada, — o que também se dá em Afife,

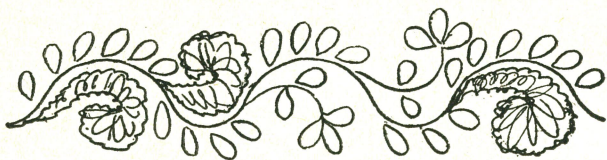


FIG. 2

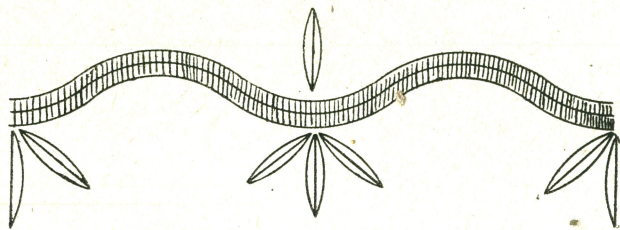


FIG. 3



FIG. 4



FIG. 5

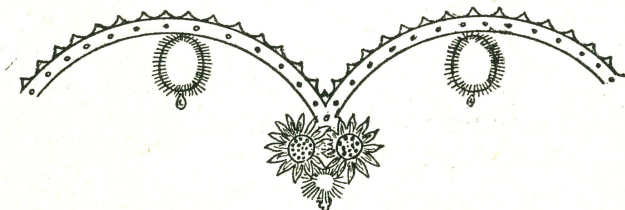


FIG. 6

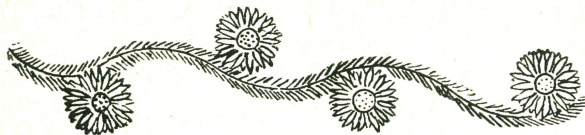


FIG. 7

Algumas «silvas» de saias.

como vimos. Aparecem meias «bordadas», — e camisas bordadas a azul, nas ombreiras.

As diferenças que existem entre os dois trajes — diferenças inconstantes, aliás — não bastam a separá-los em grupos distintos; por isso os classifico no mesmo grupo, embora sem os confundir.

O mesmo se não pode fazer quanto ao vestuário de Areosa. Êste exige lugar independente, *seu*, na classificação dos tipos de «fatos à lavradeira».

O traje de Areosa é o mais *vermelho* e é o mais *à vianesa* dos fatos *«à vianesa»*. Quero dizer com isto que é o fato mais «conservador», ou, antes, mais «conservado», aquêle em que a modernidade menos influência tem exercido. É o fato que menos tem evoluído [Est. IV ⁽¹⁾].

A saia, cujo «fôrro» é *vermelho*, pode considerar-se formada por listões vermelhos, que ou são separados por filetes verticais pretos, tendo cada um de êsses listões, pelo meio, outro filete preto ou filetes pretos alternados com brancos, ou são separados por listas brancas, bipartidas por uma listazinha preta (saia da «moda»).

Outras vezes, aparecem listas com «topes» ou «môscas» amarelas, verdes, e até azuis (Confronte pág. 48).

Enfim, a saia tem de característico o grande domínio do vermelho, sendo, no mais, bastante variada.

No «fôrro», usam «silvas» bordadas, geralmente a lã de côres e missanga, e, embora não seja usual, também aparecem saias que, além da «silva» na margem superior do «fôrro», têm outra na margem inferior.

Os aventais apresentam ornatos diversos, — não tendo, porém, a riqueza florida dos das freguesias interiores do concelho. A «tira» — chama-se «tira», ou «emenda» (à beira-mar), a faixa pregueada, no cimo do

(1) Esta figura é composição do desenhador, e não, como as outras, feita mediante fotografia obtida na própria aldeia.



Lit. Lusitana — Gaia

EST. II — Santa Marta-de-Portuzelo (traje «vermelho»).

avental e da saia — é bordada, ostentando freqüentemente palavras ternas: AMOR, AMIZADE...

Colete vermelho, com «cinta» preta, ou côr de vinho, roxa, azul, etc., e bordado a lã, missanga, lentejoulas.

Lenços da cabeça e do peito, de campo vermelho.

A camisa, com bordados a branco nas ombreiras, — pôsto que apareçam também camisas com bordados a azul.

Chinela, sem bordados; meia, bordada.

Há, em Areosa, impressionantes diferenças no desenho da saia. As areosenses hesitam, — e essa hesitação é devida ao conflito, nos últimos tempos, entre a saia própria, à antiga, com raízes fundas na tradição, e as saias modernizadas, muito evolucionadas, das aldeias vizinhas.

Raparigas de Areosa, não vos perturbeis com as saias das outras freguesias: prezai as *vossas*, tradicionais, bem vermelhas, *bem vianesas*! ⁽¹⁾



(1) Confronte-se o que vai escrito adiante, pág. 48-49.

SE, dos trajes «à lavradeira», o de Afife é o mais simples, — o «vermelho» de Santa Marta-de-Portuzelo é o mais complexo na riqueza de ornatos e de côres [Est. II].

Olhando-se êste vestuário santamartense, o que logo sobressai é o avental, comprido e largo, de campo vermelho variegadamente bordado.

Na parte superior — como é de regra nos aventais «à lavradeira» —, tem listas ao alto, com mais ou menos bordados, — e, para baixo das listas, o rectângulo com a bordadura que dá carácter a esta peça do vestuário. A bordadura possui, certamente, algo do gosto pessoal das tecedeiras, na forma e disposição dos desenhos, mas ha sempre nela o que é do gosto geral: a intensidade das côres e a complexidade dos ornatos.

Equivale isto a dizer que é multiforme a ornamentação dêstes aventais; mas os que as raparigas mais querem, os mais luxuosos, são os floridos [Vid. Est. II].

A êsses aventais, enfeitam-nos, pelo comum, grandes fôlhas e flôres, estilizadas por diversa maneira, de colorido alegre e vário: róseo, amarelo, verde, branco... — e, quasi sempre, uma caprichosa «silva» negra surge aqui, ali, pela barra do avental, entre as fôlhas e flôres enormes.

O bordado faz parte do próprio tecido, mas em relêvo, obtido por meio de puxamento dos fios, que, assim, formam pequenas ansas que denominam «môscas» e com-

paráveis no aspecto às obtidas com o moderno ponto de fada.

Para os ornatos tomarem mais vista, usam tecer-lhes uma orla de côr diferente, — no que as lavradeiras-tecedeiras revelam, por mais uma forma, o seu natural sentimento artístico.

O lenço da cabeça é de campo vermelho, e o do peito igualmente. Na Est. II, o lenço do peito é de campo amarelo, côr de que ressaí bem a viveza da matizada e profusa enramilhetagem. Não é a regra.

Deve notar-se que não há, em cada aldeia, uniformidade absoluta nas côres dos lenços. O da cabeça poucas excepções costuma apresentar: é amarelo em Afife, vermelho nas outras aldeias. Com o do busto, porém, já assim não sucede; as excepções são apreciáveis. Vêem-se lenços de campo vermelho ou amarelo, ou verde, e até, pôsto que mais raramente, de campo azul. Em Afife preferem, como se disse já, o lenço côr-de-laranja; nas restantes aldeias, o encarnado é o que tem mais preferências.

A mesma predilecção do enfeite e do colorido se patenteia no colete e na aljibeira, esta não raro cheíinha de bordados a lãs, vidrilhos, missanga, lentejoulas..., com uma fita encanudada a correr-lhe tôda a periferia [Fig. 12].

E bordadas são as meias — bordados feitos com abertos ou com relevos de vário feitio —; bordada é a camisa, a azul, nas ombreiras, nos punhos cingidos aos pulsos, e no colarete, o que só é visível (como é óbvio) quando não usam decote e a camisa lhes afoga o pescoço. O sapateiro não deixa, por sua vez, de lhes bordar a branco as gáspias das chinelas pretas (e, se estes últimos bordados vão desaparecendo por tôdas as aldeias, é que as chinelas de verniz estão sendo tidas por mais luxuosas que as de cabedal bordado [Fig. 13]). ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Repare-se em que, no decorrer destas páginas, se tomam os vocábulos *bordar*, *bordado*, em acepções diferentes, conforme o uso popular. Ou se trata do ornamento por meio de agulha (no colete, na camisa...), ou se trata do ornamento que faz parte do próprio tecido (avental bordado, listas bordadas na saia...).



Lit. Lusitana—Gaia

EST. III—Santa Marta-de-Portuzelo (traje «azul»).

Sempre o luxo, a riqueza ornamental!

E é ainda por isso que se vai enraizando o costume de bordar à margem superior do fôrro da saia, que é preto, uma silva clara, raramente de côres, que, embora simples, não deixa de mostrar finura de gôsto.

Nas riscas das saias não há rigorosa uniformidade. Notam-se pequenas diferenças de umas saias para outras, na largura das listas vermelhas e negras, e nos fios pretos, e brancos (quando os há), que percorrem o meio daquelas listas. Mas, à parte essas insignificâncias, as côres dispõem-se aos listões vermelhos separados por listas pretas; ao meio daqueles listões, longitudinalmente, um fio preto ou dois, ou ora um ora dois alternadamente, e, por vezes, a meio das listas pretas, também longitudinalmente, um fio branco ou dois, ou ora um, ora dois, de distância em distância. Aparecem muitas saias sem branco, apenas com vermelho e preto.

Êste vestuário, principalmente quando batido pelo sol, é um deslumbramento de coloração, uma verdadeira romaria de côres, nada pasmando que êle seja o predilecto da massa popular, alheia ao bairrismo das freguesias.

*

*

*

Em Santa Marta-de-Portuzelo, há outro vestuário menos festivo, nada festivo, se quiserem, que é sem dúvida, para todos os espíritos cultivados, um «traje à lavradeira» de singular encanto. Traje original, característico, quási desconhecido fora da região, e que, pela sua gravidade, pela sua elegância terna, bem merece que todo o país o admire [Est. III].

Chamam-lhe «traje azul», bem que o azul não seja a côr predominante e até por vezes fique quási reduzido à pequenina mancha de alguma florzita, esquecida entre as ramagens dos lenços. As côres que se salientam do te-

cido preto da saia e do avental são o roxo, o verde, e, secundariamente, o amarelo e o branco.

Há saias de extrema simplicidade: pretas com estreitas riscas brancas verticais de vez em quando, — mas há saias em que o enfeite das listas é levado a extrema complicação.

Não é em Santa Marta-de-Portuzelo que se encontram destas últimas saias, mas noutras aldeias próximas, — pois tal vestuário, embora geralmente chamado «de Santa Marta», é usado noutras povoações do interior do concelho, como Pêrre, Meadela, Outeiro, Serreleis...

A saia mais
linhas quebradas, ângulos, losangos, ângulos e losangos separados por faixas transversais... etc. etc.

Estas listas são marginadas por filetes brancos, e verdes, e listazinhas verdes com filete preto intermédio, e fiadas de «môscas» de côr entre filetes brancos... É tudo, enfim, de tal variedade, que, para assim dizer, não há uma lista igual a outra. E nos intervalos das listas, no próprio tecido negro, há faixas verticais de bordados a «môscas» pretas, variadíssimos na mesma.



FIG. 8

complicada que até hoje vi é de S. Lourenço-de-Montaria.

O fôrro é preto, esbicado por cima.

A distância, tem-se a impressão de que a saia negra é cortada verticalmente, de espaço a espaço, por listas ora verdes, ora roxas; nestas listas, porém, a côr não é seguida; a côr aparece em bordados salientes, a «môscas», e de feitios muito variados: faixas oblíquas, faixas cruzadas,

Estas saias negras, com os seus pitorescos bordados verdes e roxos, oferecem, no seu aspecto geral, um efeito surpreendente, e maravilham não só pelo trabalho estu-
pendo da tecedeira como pela riqueza dos recursos ar-
tísticos que ela tem de possuir
para variar de tal maneira, e com
tal mimo, o desenho dos ornatos,
servindo-se tam sómente de «môs-
cas» e filetes.



FIG. 9

Voltando ao traje de Santa
Marta que é reproduzido na Est. III.

O colete, de «cinta» preta, é
esverdeado, com bordados a ver-
de, azul e amarelo.

A aljibeira, de baeta azul, é
fartamente bordada a missanga,
lendo-se-lhe na parte superior a
palavra VIVA [Fig. 11].

Os lenços — o da cabeça e o
do peito — são côr de café moído,
com ramagens das côres verde,
lilás e branca ⁽¹⁾.

A camisa é bordada a azul nas
ombreiras e nos punhos, tal qual a
do fato «vermelho». Na estampa,
vê-se a môça, decotada. O de-
cote é obtido, revirando a camisa

para baixo do lenço do peito, o que mostra ser a camisa
para andar abotoada no pescoço e não passar o decote,
presentemente, de imitação da moda das cidades.

O «fato azul» e o «fato vermelho» são indistintamente
usados pelas raparigas, servindo-lhes aquêlê também para
aliviar o luto ⁽²⁾.

⁽¹⁾ A côr de café não ficou bem imitada na estampa. No avental está
uma grande mancha azul, por lapso; não havia nêlê essa côr, mas a verde.

⁽²⁾ Para luto rigoroso, também existe fato próprio: saia de riscas, tôda
preta; avental também tecido de preto; colete e lenços, pretos. Não é costume
haver franja no lenço da cabeça.

Se, porém, casam, dizem (quási sempre) adeus ao fato vermelho, e passam a usar só o «azul», quando se querem vestir «à lavradeira».

*
* *
*

O traje de Pêrre pode considerar-se variante do da sua vizinha Santa Marta-de-Portuzelo. Todavia, não deixa de possuir individualidade, que julgo suficiente para lhe atribuir lugar especial nesta exposição acêrca de fatos «à vianesa».

O traje de Pêrre é o mais negro dos vestuários encarnados do concelho de Viana-do-Castelo, convém explicar: é o traje vermelho em que mais se emprega o preto.

Na saia, bem característica, de fôrro preto sem silva, há a alternar com listões vermelhos, grandes listões pretos, sendo eliminado o branco, ou aparecendo êste tam reduzidamente que, para assim dizer, não influi na impressão vermelho-negra que a saia nos dá.

A habilidade da tecedeira sabe tirar à saia o monótono que resultaria se os listões vermelhos e negros se alternassem regularmente. Assim, por exemplo, pelo meio do amplo listão preto, faz passar uma lista vermelha tripartida por duas listazinhas pretas; e pelo meio do listão vermelho, uma estreita lista preta que, de quando em quando, biparte com um filete branco; por vezes, ao meio do listão vermelho, longitudinalmente, tece uma listazinha branca. Isto, quando o branco é empregado, pois não



FIG. 10

é regra empregá-lo. A largura de listas e listões e o seu arranjo variam ao capricho da tecedeira, mas o que nunca sucede é deixar de haver, como base do desenho, a largura notável das listas pretas a carregar, harmoniosamente, o aspecto geral da saia.

Os coletes são alindados por guarnições de sêda, — enquanto os de Santa Marta e Meadela são bordados a lãs ou a sêda, e missanga. Um colete: — de baeta vermelha, com cinta de veludo preto; guarnições brancas, azuis, róseas e amareladas; algumas lentejoulas. Usavam-se, antes de estes, coletes claros, de cetim com desenhos flóricos, e cinta preta.

A camisa é bordada a azul, esplêndidamente, nas ombreiras, no colarete, nos punhos. Êstes são bordados muitas vezes, de modo que o ornato fique patente, estando êles não cingidos aos pulsos, mas dobrados para trás, sem abotoar, como abertos em leque.

Os aventais são imitantes aos de Santa Marta, com a mesma riqueza de ornamento, com a mesma propensão para o belo desenho florido.

Descrevo um: Campo encarnado; grandes fôlhas, e flôres: rosas e lírios, estilizados, a amarelo orlado a verde, e a róseo orlado a branco; botões de rosa vermelhos, brancos e verdes. Tudo a «môscas». A parte do avental acima da bordadura, — com listas verticais e, na parte inferior, transversalmente, uma silva clara. Nas margens laterais do avental, fita côr de rosa, e na margem inferior uma fita amarela «enfavada» (pregueada de maneira a formar uma espécie de «favos»). Um pouco acima desta margem, de lado a lado, outra silva clara, muito mais simples do que a superior. Silva preta a caprichar, desaparece aqui, aparece além, por entre as flôres, em volta do avental.

As silvas desta última espécie são mais volumosas, isto é, apresentam o negro em mais quantidade que as das cercaduras dos aventais de Santa Marta.

Êste engraçado domínio do preto — maior ainda

em vestuários mais antigos — é uma interessante manifestação artística. O preto, se por um lado faz ressaltar o vermelho, por outro adoça-lhe a intensidade, o brilho, a ardência. E o vestuário adquire desta maneira um não sei quê de escuro, de severo, a impregnar a alegria que resplandece das côres vivas. Tem-se a vaga sensação de que, no sombrio que tam delicadamente envolve êste vestuário, se reproduz o moreno que aformosa os rostos contentes das moçoilas desta aldeia.

*
* *

No interior do concelho vianense, o traje «à lavradeira» não é usado sòmente nas freguesias que especifiquei. É usado também noutras, mas nessas o fato ou é semelhante ao de Pêrre, como o de Outeiro, ou é semelhante ao de Santa Marta-de-Portuzelo, como o de Serreleis e o de Cardielos.

Na Meadela — aldeia a que já aludi e que se pode considerar subúrbio de Viana-do-Castelo — o vestuário confunde-se com o da sua vizinha Santa Marta. Merece aquela aldeia, no entanto, que eu a cite especializada-mente, pois nela, ao contrário de o que sucede nas outras de novo mencionadas, o traje «à lavradeira» não aparece com raridade, antes é francamente usado, com galhardia e com entusiasmo.

Quere-me parecer que, das innovações introduzidas no traje, pelo menos últimamente, muitas se devem às expeditas, desempenadas raparigas meadelenses.



ESTES fatos «à lavradeira» nasceram na região onde vivem.

Há, evidentemente, vestuários coloridos, «vermelhos», lá por fora. Há-os, por exemplo, na Hungria, no Gailtal, — mas isso não é razão para se julgar que os nossos não sejam oriundos da terra portuguesa e tenham vindo de terras estrangeiras, sejam devidos a influência magiar, eslovena, ou qualquer outra.

É certo que os lenços da cabeça e do peito são de proveniência estrangeira, ⁽¹⁾ — mas, se as raparigas minhotas os adoptaram, foi simplesmente por êles calharem ao seu gosto artístico.

Se as nossas mulheres, assim como fabricam as saias, os aventais, os coletes, as aljibeiras, e até as camisas e as meias, fabricassem também os lenços, fabricá-los-iam por certo iguais aos importados, tam dentro êles estão da sua concepção estética e tam admiravelmente êles rimam com os trajes regionais ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Chamam-lhes «austriacos». Vinham do antigo estado austro-húngaro. Hoje, vêm, de preferência, da Checoslováquia, — segundo informaram comerciantes do Pôrto.

⁽²⁾ Da aldeã de Viana, diz Ramalho Ortigão: «está dos pés à cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ela só executou desde a primeira manipulação das substâncias primas tomadas à matéria bruta até o último ponto da costura e a última malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e de um punhado de semente ela extrai pela sua aptidão e pelo seu talento todo o enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua família. Extrai ainda alguma cousa mais

A mais superficial reflexão, porém, leva a deduzir que é moderna a vinda para o Minho, destes lenços chamados «austriacos», e que, antes de essa importação, já o fato «à lavradeira» existia.

Foi certamente o comércio que, notando a policromia dos lenços já então usados pelas lavradeiras, introduziu na terra minhota os lenços estrangeiros, na fácil previsão do bem que êles cairiam no agrado popular.

Os fatos «à vianesa» nasceram na região.

Vislumbro as primitivas tecedeiras a tentar reproduzir no pano a alegria colorista da terra e a sua própria adoração da côr.

O vermelho seria indubitavelmente a primeira côr que fulgiria no primeiro pano festivo que, satisfeitamente, das mãos lhes saiu.

E tecedeiras sôbre tecedeiras, aperfeiçoando pouco e pouco o trabalho, chegariam, pelo seu natural sentimento de contrastes e combinações, a riscar o vermelho com outras côres, firmando-se, por derradeiro, no tecido rubro-negro. As côres em listas vão dando efeito magnífico, — sendo êsse, afinal de contas, o modo mais fácil de as combinar, ao tecer.

E o mesmo sentimento, no seu ascender de perfeição, deixou depois o branco, de leve, na saia, — e soube cruzar listas no avental. Daí, serem os ornatos primitivos de forma rectangular. Depois, coloriu diversamente êsses ornatos; deu-lhes relêvo, formando as «môscas» por breve puxamento dos fios; passou a ondular os contornos dos desenhos, e, por último, a reproduzir os temas que a natureza lhe prodigaliza: rosas, lírios, botões de flôres, fôlhas, — estilizando-os com a sua fantasia já educada.

preciosa que tudo isso, e é o respeito dos outros e a dignidade de si mesma». (*Farpas*, Lisboa 1887, ed. de David Corazzi, vol. 1, pág. 43).

— Vid. também *Industria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de substâncias textis* [aliás, *têxteis*] no districto de Vianna do Castello, na revista *Portugália*, 1, 369-378. Nesse artigo, de B. D. Coelho, trata-se de: I *Linho, lã e algodão*; II *Fiação de linho e lã e tingidura da lã*; III. *Tecelagem do linho, lã e algodão*; e *Tecidos*. Vem anexa uma página colorida com «tecidos de Viana».

E, fora do tear, o mesmo sentimento, em fase adiantada do seu progresso, começou de guiar a habilidade das mãos na sobrejunção de enfeites nos coletes, nas aljibeiras, no fôrro das saias: guarnições, bordados cada vez mais complicados, da simples linha recta à flor desabrochada, desde o ponto grosso de lã até ao finíssimo ponto de sêda.

Os fatos «à vianesa» nasceram na região, e nela evoluíram.

Dos fatos actuais, o mais próximo dos primitivos é o de Areosa. O de Afife marca uma evolução, de requintado gôsto, num sentido simplificador. Os trajes do interior do concelho assinalam uma evolução, que prossegue actualmente bem visível, num sentido belamente ornamental.

Todos os actuais tipos de fatos «à vianesa» são formas divergentes do mesmo tipo inicial, em que o rubro era a côr predominante, exclusiva quási.

A evolução do traje tem sido acompanhada pela das jóias, cujo estilo se vai afinando conforme vai progredindo o bom gôsto nas aldeias.

A paixão da jóia é própria das mulheres, em tôdas as partes, em todos os tempos. A mesma exuberância de adornos não é exclusiva da minhota nem é coisa nova no mundo. Já em velhíssimos tempos, as mulheres se constelavam de jóias, profusamente, — scintilantes quais mostradores de ourivesaria. E até, para a correspondência ser perfeita, outrora como hoje os lóbulos das orelhas se rasgavam ao pêso de dois e mais pares de brincos ⁽¹⁾.

(1) Na *Portugália*, artigo *As Filigranas*, Rocha Peixoto diz o seguinte, condensando o que haviam dito Perrot, Martha, Fontenay, Noël des Vergers, Darenberg e Saglio, Dotin, Paris, e Mélida (vol. II, pág. 566-567):

«As mulheres fenícias, além dos seus diadêmas, alfinêtes, anéis e brincos, suspendiam ao peito colares triplos. As toscanas penduravam dos lóbulos brincos insuportáveis e enormes cujo pêso, não raro, lhes fendia as orelhas; no seio os colares irradiavam as claridades dos vários matizes de berloques; e ainda hoje, na mesma região dos Apeninos onde perdura o fabrico da filigrana as raparigas, nos dias festivos, usam colares, alfinêtes e enormes brincos de uma



Lit. Lusitana—Gala

EST. IV—Areosa.

Mas não é só um propósito de enfeite.

Na minhota, o oiro é o... banco onde deposita os seus lucros. A sua primeira ânsia é ganhar para uns brincos, ganhar para umas contas depois. Quanto ganha, quanto reduz a adorno. As suas jóias são o seu dote. E o seu dote trá-lo, vaidosa, sobre o cofre onde guarda a sua melhor jóia — o coração.

E os rapazes casadoiros, antes de tomar o pêso ao coração da môça, podem tomá-lo ao dote, numa olhada ao exterior do cofre...

«Nenhum outro símbolo da riqueza conhece a minhota senão o seu oiro — observa D. António da Costa —. Podem-lhe falar em inscrições, em acções de bancos, em emprestar dinheiro a juros, em enterrá-lo no quintal, que tudo isto é falar-lhe grego. O coração da minhota adora o seu namorado, a imaginação da minhota sonha com o seu oiro. A que apresenta nas orelhas um par de compridas e largas arrecadas obedece simplesmente ao mínimo do dever; a que apresenta dois pares, cumpre-o; o luxo é penderem-lhe das orelhas três pares, e às vezes quatro. São os mostradores dos ourives exposições curiosas. O peito da minhota, um céu estrelado. Grilhões de todos os feitios, corações de oiro lavrado, excedendo a palmo, florões que disséramos os grandes

admirável beleza. O gôsto comunicou-se aos povos de em volta: o romano exagrou-se mais ainda, se é possível, na pomposa hipérbole da barbárie das primeiras idades. Os gauleses, homens e mulheres, traziam manilhas de ouro nos punhos e nos braços, anéis e colares, atingindo alguns destes um pêso considerável. Na Ibéria também aos dois sexos imensamente seduziam os ornamentos. As figuras femininas do Cerro de los Santos exibem abundantemente diadêmas com inúmeros pingentes, grandes brincos, muitos anéis e duplos e triplos colares».

— E, depois, ajunta Rocha Peixoto (pág. 567):

«Entre nós, e ainda actualmente, o «peito da minhota é um céu estrelado» [Frase de D. António da Costa, no livro *No Minho*]. Multiplicam-se os cordões e as gargantilhas, duplicando-se os corações, acrescentando-se-lhes as cruces e os crucifixos, as Virgens da Conceição e os medalhões. Todo o peito corisca, os pulsos difundem luz, faíscam os dedos, e das orelhas pendem, até aos ombros, brincos lucilantes! Estes às vezes são aos dois e três pares; de sorte que não é estranho observar-se orelhas com um e dois rasgos, como já sucedera na Etrúria, como mais ou menos acontecera em Roma».

Convém emendar: os pulsos não difundem luz, porque a lavradeira minhota não usa pulseiras. Há brincos pendentes, grandes, mas não se julgue que eles tombem sobre os ombros das raparigas.

crachás espanhóis de Carlos III, arrecadas que chegam aos ombros, crucifixos enormes, enormes Virgens da Conceição, peças inteiriças de calvários, contendo, além das três grandes cruzeiras de Jesus e dos ladrões, o grupo das Marias e a scena da tremenda tragédia.

«Não toca só em luxo esta notável originalidade da minhota — continua D. António da Costa —, quasi que toca em vício, pelo menos é paixão. Às crianças já se lhes vê também o seu oirinho, e para o comprarem se esforçam em trabalhar..... E para tudo se dizer numa palavra, o seu oiro é inviolável e sagrado, até lhe sacrificam as suas afeições: se têm luto aliviado, põem sinal de luto, mas não tiram do peito aquelas jóias. ¿E se o luto é carregado? ¿Se a morte lhes entrou em casa? Nem assim. O que fazem então, ao trajarem-se de preto, é cobrirem de transparente dó o seu oiro; enlutam-no, mas não o tiram» (1).

Isto foi registado em 1873 (2). O autor viu as jóias com vidro de algum aumento, mas as suas palavras, afora isso, realçam a verdade.

Vão desaparecendo, porém, as volumosas peças de oiro, os grilhões e as placas enormes, — e vai aparecendo a jóia cada mais leve, mais graciosa.

Em Afife, com a simplicidade do vestuário, a simplicidade dos adornos de oiro. Para o interior do concelho, com a maior riqueza de côr e de enfeite no vestuário, jóias em maior número, mas cada vez mais simples também.

São aldeias próximas da cidade, sofrem a influência dela. Para longe da cidade, no coração bem rústico da

(1) *No Minho*, Lisboa 1874, pág. 258-259.

(2) D. António da Costa viajou no Minho em 1873. Diz Alberto Pimentel: «vi-o partir para o Minho em 1873, no Pôrto. Ele teve a gentil amabilidade de procurar-me... Foi então, no principio do verão de 1873, que pessoalmente o conheci» (*Romarias portuguesas—Nossa Senhora da Agonia em Vianna do Castello*, Lisboa 1906, pág. 21).

província, aí o oiro rebrilha, ainda pesado e excessivo, no peito das mulheres ⁽¹⁾.

A cidade tem ainda influências no vestir das raparigas aldeãs: tacão alto nas chinelas, encurtamento maior das saias; o actual decote...

Há também variações que constituem verdadeiras «modas» locais, que se revezam, como as «modas» dos figurinos. Assim, em Afife, é moda trazer gola umas vezes; não trazer gola outras vezes; é moda ser azul-marinho o «fôrro» da saia umas vezes, e ser preto outras vezes. A largura relativa das listas das saias também por vezes anda com a moda.

Há modas locais que se sucedem, aniquilando cada uma delas as precedentes. São inovações, aperfeiçoamentos, que se enraízam, que ficam durante largo tempo.

Estas variações marcam a evolução do traje.



(1) A respeito do «oiro» das minhotas, Vid., além do citado artigo *As Filigranas*, de Rocha Peixoto, in *Portugália*, II, a *Arte decorativa portuguesa*, de Joaquim de Vasconcelos, in *Notas sobre Portugal*, II, artigo em que vêm fotografias de grilhões, estrêlas, corações, brincos, fios de contas (lisas e torcidas), crucifixo, broches, «borboleta»... (pág. 181 e 182), com notas explicativas (pág. 205-206). Na *Revista Lusitana* (vol. XVII, 80-82), referi-me a «borboleta», fio-de-contas, coração, cordão, fieira, brincos-à-rainha, e ainda (vol. XIII, 75) à «lábria», também chamada *relicário*, *custódia*, *reliquia* ou *brasileira*. Na revista *Lusa*, I, 124, publiquei algumas notas acêrca de jóias. Nessas notas, incluo o que João da Rocha escreveu acêrca do oiro das minhotas, na *Ilustração Portuguesa*, em 1910. Há ainda outras referências, dispersas em livros e periódicos, ao oiro das mulheres do Minho.

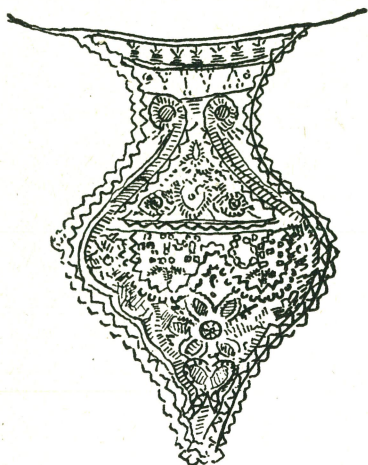


FIG. 11

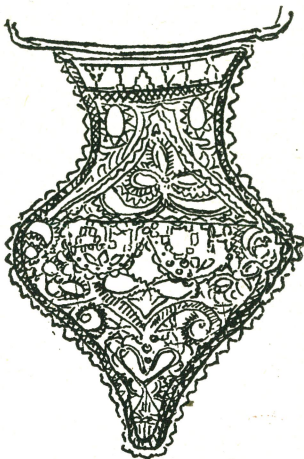


FIG. 12



FIG. 13

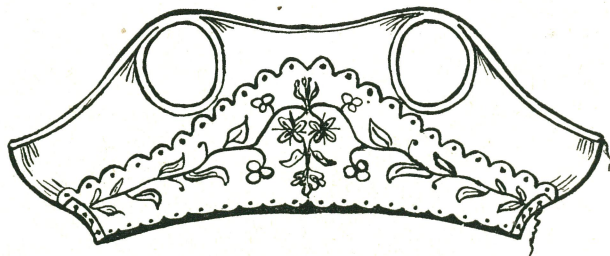


FIG. 14

Aljibeiras, chinelas, e colete.

O fato evoluciona, — é natural, é obra inevitável do tempo.

Vai-se apurando o gôsto, vai-se apurando a arte de tecer e bordar. E fazendo-se estas mudanças nas calhas populares, sem deturpação do que é genuinamente popular, nada há que dizer. A evolução do fato não pára hoje, como não parou há vinte anos, há cinqüenta anos, como nunca parou.

E digo isto, porque ouço falar muito em trajes *a rigor*. Mas ¿que é traje «a rigor»?

Para a maior parte das pessoas que assim falam, traje «a rigor» é um traje antigo, o traje de uma determinada época passada, mas do conhecimento directo de essas pessoas.

¿E por que não há de ser um fato que essas pessoas não conheceram? ¿Por que não há de ser um fato vinte ou quarenta anos anterior ao de essa época?

É porque tôda a gente, quási, julga que não há vida para trás do tempo em que se começou a viver e que tudo o que sobrevém pelo viver fora é modernidade abastardadora e rejeitável.

Essas pessoas crêem que o fato «à lavradeira» nasceu tal qual o conheceram nessa época passada, e que assim, tal qual, deveria permanecer *per omnia secula seculorum*.

Êsse chamado fato *a rigor* não é mais que *uma fase* de evolução; para trás, passou o traje por muitíssimas

fases diversas, e se êle hoje não é exactamente o que era ontem, é porque a fase de ontem já passou, com tôdas as anteriores, à história, e nova fase surge, para amanhã dar lugar a outra...

O que é necessário é que esta evolução, fatal, se faça nas calhas populares, que seja sempre respeitado o plano, o carácter, o essencial do traje. Quando o fato descarilar, quando deixe de ser respeitado o essencial do vestuário, quando êle se desviar do plano que lhe dá carácter, então o fato morre, passa definitivamente à história.

Para se verificar bem o que digo relativamente à evolução do vestir das camponesas, confronte-se uma «feira» de hoje em Viana-do-Castelo, com uma «feira» de algumas dezenas de anos atrás, na mesma cidade. Será Raimalho Ortigão quem nos ponha ante os olhos essa vélha «feira» vianense (de Setembro de 1885):

«As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, tôda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de côr e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminil.

«As saias curtas, descobrindo a base piramidal da perna nua, são de pano carmezim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas às listras pretas, castanhas ou azuis; cinzentas às riscas vermelhas, azuis, castanhas ou brancas, numa enorme diversidade de tons. Camisas de grosso linho alvíssimo, mangas largas, bordadas em apanhados bizantinos no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sôbre os ombros, bordadas ainda a linha de côres, à russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso. Grandes colarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de fôlho ou barra de renda. O colete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou

preto, sempre guarnecido de uma larga barra de veludo preto lavrado no estilo de Utrecht, ordinariamente pespontado numa espiguiha de ouro ou de prata. Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em pregas miudíssimas, prêsas aos debruns encarnados, pretos ou azuis. Os aventais estreitinhos e curtos, encabeçados em funéus de linho bordado a côres, são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapête, nos mais ricos tons de escarlata e de azul persa. Brincos largos de filigrana de ouro. Colares de contas de ouro liso. Aljibeiras pendentes da cintura, a um lado, em ampla *châtelaine* de pano, com aplicações policromas guarnecidas de lentejoulas. Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsácia, fazendo diadêma sôbre os cabelos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, à semelhança do que usam as mulheres dos Apeninos, já envolvendo o rôlo da trança sôbre a nuca e caindo em duas pontas entre as espáduas, são ordinariamente vermelhos, de um magnífico vermelho ardente, de púrpura, côr da flor dos cactos» (1).

Ramalho Ortigão anota, resumidamente, os tipos que mais lhe dão na vista:

«Uma vêlha. Sessenta a setenta anos. Rija e direita. Saia muito curta, cinzenta, com barra escarlata, altos tamancos, pernas sêcas e vermelhas, de perdiz. O lenço em desenhos persas, azul, verde e amarelo, prendendo a trança. Cabelo espêssso, crêspo, grisalho claro, caindo na testa e formando suíças de cada lado do rosto. Grandes olhos pretos, nariz grego, dentes magníficos. Arrecadas de filigrana. Colar de grandes contas de ouro pulido. Jaqueta curta, desabotoada, de pano azul escuro com botões amarelos, mangas muito justas, gola inteira e re-

(1) Ramalho Ortigão, *As Farpas*, tómo 1, Lisboa (David Corazzi, ed.) 1887, pág. 30-32.



Lit. Lusitana—Gaia

EST. V—Antigo traje de Pêrre.

donda. Longo colarinho de folhos, fechando em bofe no peito. Vende leite.

«Jovem viúva, tecedeira em Cardielos. Vende pano. Morena, olhos castanhos, bôca fina. Cabelo louro em bandós lisos. Lenço de sêda preta, atado em laço à alsaciana no alto da cabeça. Saia de linho branco em riscas de lã preta e barra preta. Camisa bordada a branco. Colete de pano preto, abotoado no peito com quatro botões de ouro liso dispostos em quadrado. Grande colarinho redondo cercado de renda engomada. Arrecadas e colar de ouro.

«Outra tecedeira. Rapariga de Santa Marta. Busto cheio, sòlidamente modelado; cinta fina, cabelo louro anelado, olhos azuis, nariz levemente arrebitado, boquinha gorda. Colete azul bordado a vermelho e a ouro. Saia azul com listras e barra encarnadas. Avental em bordados felpudos azuis e encarnados. Camisa de folhos no peito e nos ombros. Aljibeira vermelha com lentejoulas de ouro. Grande lenço de algodão vermelho, em prato sôbre a testa, contra o sol.....

«Outra da Meadela. Vinte e cinco anos. Alta, delicada, de uma palidez quente, dourada ao sol. Olhos pretos, ensombrados por enormes pestanas. Grossos sobrolhos. Nariz recto. Uma penugem fina, de pêssego maduro, nas fontes e no beiço arqueado em flecha. Vestida de cinzento e azul. *Gorgette* de rendas. Vende pano de linho, mas parece que o dá de presente, a tal ponto é senhoril a sua atitude artística, de Frineia vestida, pousando na feira de Viana como no areópago de Atenas» (1)...

Uma dúzia de anos para trás, anotara D. António da Costa no seu livro *No Minho*:

«Logo ao chegar a Viana vi um mercado. A primeira minhota que me surpreendeu foi uma lavradeira da freguesia de Deucriste..... O cabelo, moldurando-lhe a testa,

(1) *Loco cit.*, pág. 32-34.

caía-lhe sôbre as costas; cobria-lhe o alto da cabeça, e acompanhava o cabelo na linha caprichosa que êle formava, um lenço de neve bordado de flôres, em nó atado na nuca..... Das orelhas pendiam-lhe arrecadas resplandecentes, ao redor do pescoço um grilhão de oiro em cinco voltas, deixando por entre elas ver a carne. O peito arqueado, cobria-lho lenço à chinesa [*à chinesa* não é expressão própria, intercalarei eu], traçado para trás das costas. Saia de lã fina entrançada de listas de côres com barra escarlate debruada de verde; jaleco de riscas curtíssimo, deixando entre êle e a saia aparecer mão travessa de camisa alvíssima; mangas largas, brancas e bordadas... Êste era o vestir daquela freguesia que apresento como feição geral.....

... «As da freguesia de Anha, em lugar dos lenços traçados, trazem grandes cabeções brancos, com bordaduras e rendilhados, desenvolvendo o apuro maior nos jalecos sem mangas, muito pequeninos e airosos, que deixam ver francamente o colo; são todos a côres, e a capricho os feitos e os bordados.

«As de Santa Marta e Meadela põem o seu chiste principal na viveza das côres. O grande lenço chale, verdadeiro turbante, em que predomina o escarlate, é lançado com a mais fantasiosa elegância. A saia riscada a quantas côres há, um verdadeiro arco-íris; grande lenço bordado nas mãos; meias alvíssimas, chinelinhas pelo meio dos pés, terminando em bico.

«As da Areosa são as de trajo mais caprichoso e notável..... As do Outeiro, de Pêrre e de tôdas as outras freguesias conservam em geral a feição provincial, variando nas côres» (1)...

Quanto mais recuarmos, tanto mais o trajar difere do actual, — nem era preciso dizê-lo. Para o meu intento, porém, chega o quadro de Ramalho: êle documenta suficientemente — com nitidez, com eloquência — a modifi-

(1) Pág. 256-258.

cação que tem sofrido o vestuário das aldeias vianenses, nos últimos tempos, em menos de cinquenta anos.

Não se trata, nas linhas transcritas, propriamente do traje chamado «à vianesa».

O «traje à vianesa», como acentuei já, é de ocasiões *assinaladas*. Não é em qualquer feira, nem até em qualquer romaria, que as moças vestem esse traje. Isso tam sômente acontece em dias estremados, de «grande gala», de «*grandíssima* gala».

Há pessoas que, tendo viajado pelo Minho, ficam depois muito pasmadas de não haverem encontrado o famoso traje «à minhota». Iludidas pela denominação «à minhota», «à moda do Minho»; iludidas pelas fotografias das revistas e dos postais que disparatadamente mostram aldeãs, ricamente vestidas «à vianesa», ocupadas em trabalhos domésticos ou agrícolas, — essas pessoas esperavam topar a cada canto da província, — nas estradas, nas casas, nas hortas, nas eiras, nos campos, nos montes, nas cidades, nas vilas, em tôdas as aldeias... — as decantadas raparigas com o célebre traje!

— Pura ilusão!

Tal fato não é encontrável senão no recanto vianense do Minho, e só nas faladas ocasiões de «*grandíssima* gala».

As aldeãs vianenses têm roupas baratas, grosseiras, «de cotio», para trabalhar, — e têm fatos «domingueiros» afora o dito «à vianesa», que é o de maior luxo. Conforme as circunstâncias, assim se vestem. Para ir à feira de Viana — que se realiza às sextas —, vestem-se com certo esmêro, mas não levam o seu traje de luxo. Mas se forem à cidade fazer arruada, antes de qualquer festa de que sejam mordomas, — então, bem que tal suceda num sábado, dia de trabalho, vestem o fato «à lavradeira», passeando o seu melhor luxo pelas ruas da cidade, à frente das filarmónicas.

Embora o quadro, que Ramalho Ortigão acima nos dá, não seja de estes fatos de luxo, — se compararmos o trajar actual das feirantes com o das feirantes de 1885, vê-se bem a evolução que o vestuário sofreu, não sendo

custoso deduzir a correspondente evolução daquele traje de luxo.

Desapareceram os coletes abotoados e as camisas de folhos no peito; das golas de renda aparece o vestígio, às vezes, em Afife; são outras em geral as preferências na combinação das côres...

A correspondente evolução dos trajes «à vianesa» também é possível comprová-la, pondo em confronto os actuais com outros da época em que Ramalho Ortigão escreveu.

Há no Museu do Instituto Superior de Comércio do Pôrto (1) dois fatos à vianesa (em manequins), um dos quais tem a curiosidade importante de ser datado; lê-se-lhe no alto do avental (2):

M. P.

1888

TIGO

MORRO POR VIVER CON

Êste é um «traje azul».

A saia é preta, com barra azul-ferrête, debruada em tôda a roda por fita verde. Riscando verticalmente a saia, a intervalos,—como que a separar listões negros—, feixes de listazinhas e filetes a branco, a verde, com «môscas» verdes a pontuar, uma vez por outra, as margens das listazinhas brancas.

O cimo do avental é preto com riscas brancas, e aí se vêem as letras e algarismos a que me referi, bordados a missanga, além de outros bordados a linhas, com hastes floridas, que cercam as iniciais M. P., e se afastam para uma e outra banda.

A metade superior do resto do avental é preta, com

(1) É constituído por parte do Museu Industrial e Comercial do Pôrto fundado em 1886 pelo Sr. Dr. Joaquim de Vasconcelos. Êste Museu pertencia ao Instituto Industrial e Comercial da referida cidade, achando-se instalado no Palácio de Cristal. Depois de acabar o Instituto, os objectos foram distribuídos por vários estabelecimentos de ensino, do Pôrto, entre êles o Instituto Superior de Comércio (Portaria de 7 de Agôsto de 1920).

(2) Atente-se na poética expressão *morro por viver...*

listas verticais, salpicadas por «môscas» verdes e côr-de-vinho. A metade inferior é em tabuleiro-de-damas, sendo as casas diferentemente ornamentadas com «môscas», a verde, azul, amarelo, côr-de-vinho e branco.

A separar estas duas partes do avental, atravessa-o de lado a lado uma espécie de fôlho estreito, esbicado, e com uma silva bordada.

A camisa é bordada nos punhos compridos (em canhão), no colarete, e no peito, mas aqui o bordado está numa peça sobreajuntada, de forma rectangular, que disfarça a abertura.

Meias brancas, arrendadas; chinelas bordadas a côres.

O manequim apenas tem lenço na cabeça. É de campo verde. De facto, há quarenta anos, usavam-se lenços desta côr, tanto na cabeça como no busto, e ainda lenços de campo azul. Para luto, havia os lenços acastanhados, com ramagens escuras, e até completamente negros ⁽¹⁾.

O fato, porém, que especialmente desejo considerar é o outro — vermelho —, em que as diferenças são muitíssimo acentuadas.

A saia é vermelha. A espaços, as listas verticais, com branco, azul, verde, e preto. São de grande efeito as listazinhas brancas ladeadas de fios verdes, e as listazinhas azuis ladeadas de fios pretos.

Os largos listões vermelhos que assim ficam demarcados têm enfeites diversos a môscas também vermelhas.

O «fôrro» da saia é todo vermelho, com uma «silva» em extrêmo simples — apenas um filete amarelo —, a ondular regularmente junto à margem superior, luzindo uma lentejoula em cada curvatura.

Na parte superior do avental — «tira» —, o pregueado apenas deixa ver o branco; adornam-no bordados a vermelho, azul, amarelo e preto. O restante do avental é

(1) A aljibeira é vermelha, bordada a missanga de côres, e o colete é também vermelho, com barra preta. São destoantes estas peças do vestuário. Não deveriam ser usuais, nos trajés «azuis».

dividido em duas partes iguais por um fôlho transverso, à semelhança de o que se descreveu há pouco.

A metade superior é vermelha com listas brancas, nas quais se vêem fiadas de «môscas» vermelhas; de quando em quando, um fio verde, verticalmente. A outra metade é em tabuleiro-de-damas, sobressaindo nos quadrados, em diferentes desenhos a môscas, as côres vermelha, amarela, azul e roxa. Entre estas duas metades, lá está a espécie de fôlho, com a margem livre ondeada e debruada a fita verde.

Colete vermelho, com cinta preta. Enfeites singelos. Aljibeira vermelha.

Camisa bordada a azul nas ombreiras e a *vermelho* nos punhos em canhão. Renda no colarete.

Meias arrendadas. Chinelas com bordado branco a marginar-lhes a abertura ⁽¹⁾.

O lenço da cabeça é de campo alaranjado. O manequim não tem lenço do peito, mas, na época, êste lenço podia ser da mesma côr. Também então se usavam, com o traje «vermelho», lenços verdes, vermelhos, côr de café, e brancos com ramagens encarnadas e verdes. Todos com franja.

É um fato do interior do concelho, como o antecedente,— e, hoje, o traje que mais se lhe assemelha é ainda assim o de Areosa, pelo franco predomínio do encarnado.

Verifica-se como, nalgumas dezenas de anos, em menos de meio século, o traje «à vianesa» se modificou. Fácilmente se calcula como êle há de continuar a modificar-se. O caso é que se não desfigure, que prossiga na sua evolução como até aqui, sem se afastar do plano que o caracteriza.

O fato possui condições de vitalidade — como nenhum outro. Na diferença que existe entre êle e os vestuários à tricana está a melhor condição da sua persistência.

(1) Estas chinelas ficavam melhor no outro manequim, e aqui as bordadas a côres. Naturalmente, estão trocadas.

Quando um fato regional se aproxima do fato vulgar das cidades, e o não acompanha na evolução, ficando para trás a cheirar a antigo, — êsse fato desaparece; as raparigas rejeitam-no, acabam por se rir dêle. Foi o que sucedeu a um traje de Pêrre e outras aldeias vizinhas (representado na Est. v).

Êste infeliz traje não há duas dezenas de anos que ainda estava em uso.

Saia de pano preto. Jaqueta ou casaco cintado, de casimira preta, com bordados também a preto, e botões de côr. Avental de veludo preto. Lenço de cetim, de côres vivas, atado sob o queixo. Meias brancas, bordadas. Chinelas de cabedal, com laço de fita preta e fivela ⁽²⁾.

Êste lindo fato, que modelava com elegância as formas, maravilhoso para fazer ressaír o brilho do oiro e a mocidade do rosto, emmoldurado no clarão do lenço, — êste fato desapareceu, e, quando o vão acordar à sepultura da cómoda ou da arca, é recebido pelo gáudio da raparigada com risos e vaias.

E assim fôí, porque o fato, parecido com os da cidade, envelheceu com êles, e não os podendo acompanhar nos seus rejuvenescimentos, nas suas transformações, morreu.

O fato «à vianesa» não corre, porém, o perigo de envelhecer. É sempre *novo*, porque vive à parte do vestir ordinário das tricanas, e sempre admirável pela côr, pelo feitio, pelo realce que dá às formas femininas.

Se tem estas condições de vitalidade, como tem realmente, — não é difícil evitar que desapareça, nem é difícil obstar a que se adultere.

A «vida», porém, do fato «à vianesa» — insisto — não está no regresso ao passado, a fases já mortas.

À melhora dos materiais e dos meios de execução,

(2) Nas suas linhas gerais, o vestuário era assim. Havia certa variedade nos casacos, sobretudo nos enfeites, e nos lenços. Na estampa, não se vêem as chinelas de laço, por já não existirem na casa onde se desencantou o traje.

ao desenvolvimento do bom gosto nas aldeias, há de corresponder por fôrça aperfeiçoamento dos trajes, na feitura e, sobretudo, nos ornatos. É infalível, e é legítimo. A questão é que êste progresso não caia em abastardamento.

A adulteração dos trajes e, portanto, a sua morte evita-se — valorizando-os.

— Valorizando-os como ?



DO traje à vianesa, de êste vestuário regional tam belo como caraterístico, tam digno de admiração por todos os motivos, tem-se feito, e faz-se por todo o país, — um fato de carnaval!

Certa vez, pelo Entrudo, uma senhora minhota foi ao Pôrto com a criada. Levava a môça a melhor roupa, como é natural, — e a melhor roupa da môça era um fato à moda da sua terra, «à vianesa». Ora, no ano em que isto succedeu, as autoridades do Pôrto haviam proibido que nas ruas da cidade, pelo Carnaval, se andasse vestido carnavalescamente. E um polícia, mal se lhe deparou a rapariga minhota trajada «à vianesa», prendeu-a, e, por mais explicações que a senhora lhe desse, manteve, cabeçudo, a prisão. Para êle, o «traje à vianesa» era um fato de Entrudo, e nada mais.

Há muitíssima gente em Portugal — como o polícia do Pôrto.

O traje à vianesa não merece que o tenham por carnavalesco. Nada haveria a objectar se uma ou outra pessoa se vestisse «à minhota», como se poderia vestir à cigana, à tiroleza, à normanda... Mas tornar aquêlê vestuário regional em mero fato de Entrudo — é desvalorizá-lo.

Na própria cidade de Viana-do-Castelo, no coração do concelho onde tais fatos são populares, aí mesmo,

pelo Carnaval, costumam senhoras e tricanas envergá-los.

Isto que fazem no Entrudo, desvalorizando o lindo trajar aldeão, deveriam fazê-lo nas festas da cidade, por Agôsto, quando ela é mais visitada, quando o forasteiro corre ao Minho na esperança de contemplar tam afamados trajes. Então, valorizá-los-iam, manifestando, os da cidade aos das aldeias, o aprêço em que o traje era tido, — assim concorrendo para que êle perdurasse cada vez mais usado e mais querido, no concelho vianense.

Seria interessante, e inteligente, adoptar a moda de transformar Viana-do-Castelo, nos dias das festas tradicionais, em um arraial de *lavradeiras*, —fazendo convergir à cidade as camponesas com os típicos fatos das suas aldeias, e resolvendo-se as Vianesas, as senhoras e as pequenitas, a enroupar-se da mesma forma. Seria a mais atraente das festas, tam encantadora festa de côr, de graça, de regionalismo.

Certo é que, em Viana-do-Castelo, já é costume irem as aldeãs à cidade, pelas festas da Senhora da Agonia, em Agôsto, luzindo seus vestuários «à lavradeira». Êsses grupos, a vaguear pelas ruas, imprimem à cidade animação surpreendente, um ar de alacridade que deslumbra os olhos e a alma. Sonhe-se agora o que não seria, se o número de êsses grupos aumentasse, se tôda a cidade fôsse uma colmeia, animada e alacre, de mulheres e meninas trajadas à lavradeira!

No Minho, o espectáculo mais curioso que se pode oferecer ao forasteiro — e aos próprios minhotos — é o de êsses bandos numerosos de «lavradeiras», exuberantes de vivacidade, de gentileza, de saúde, graciosamente maleáveis nos seus fatos garridos, em que o sol faz bailar as côres intensas, o escarlata acima de tôdas.

E o verem as aldeãs a estima e o entusiasmo que o seu vestir regional desperta — como na verdade sempre desperta — é maneira preciosa de elas se apegarem cada vez mais a êsse vestir, estimando-o também e por êle também se entusiasmando.

Em Viana-do-Castelo tem-se realizado já — em escala relativamente pequena — coisa parecida, com feição de concursos, por ocasião das festas à Senhora da Agonia. Mas se não houver inteligência nem senso, se não houver educação etnográfica, os julgamentos serão perigosos, os concursos poderão dar resultado contraproducente.

Todos os vestuários regionais têm igual valia; *todos* merecem igual aprêço. Não se deve sobrepor o trajar de uma aldeia ao de outra. Todos os fatos típicos estão ao mesmo nível, — e o que se impõe é que as freguesias conservem os seus trajes próprios, estando cada uma delas certa de que o seu trajar não vale menos que o de qualquer outra. Impõe-se ainda visão larga e arguta quanto ao natural progredimento dos vestuários populares, não se tendo noção acanhada e falsa acêrca do chamado *traje a rigor*, a fim de que se não sobreponham, dentro de cada freguesia, certas variantes indumentárias a outras, sendo tôdas elas legítimas. Não é possível impedir o progresso dos trajes — mas, se fôsse, isso equivaleria a antiquá-los e, portanto, a concorrer para o seu desaparecimento. «Traje a rigor» de uma aldeia é o traje que nessa aldeia *se usa*, e *como se usa*.

Pelas suas extraordinárias condições de vitalidade (volto a dizer), pelo agrado com que o povo o distingue, — o traje «à vianesa» não se afasta, na evolução, do tipo geral que o caracteriza, e, em cada freguesia, varia *popularmente*, cabendo bem essas variações locais dentro daquele tipo geral. Note-se que a evolução, ao presente, apenas se revela em minúcias, para assim dizer insignificantes, de enfeite e bordado.

O desejo de nós todos é que êsse padrão geral se mantenha, e se mantenham as diferenças que de aldeia para aldeia marcam os trajes, — e bastará que *patenteemos* a admiração causada por *todos* êsses trajes e que as aldeãs de *tôdas* as freguesias *a percebam*, para que êles perdurem triunfantemente. Dêem-se facilidades, comodidades, às aldeãs; saibam festejá-las, — e elas concorrerão à cidade, indo e voltando satisfeitas, sem os escusados e perigosos

azedumes, desânimos, desorientações, que os concursos motivam, — sem falar já noutros males que dêles podem vir em prejuízo dos trajes «à vianesa», por falta de senso, de educação etnográfica especialmente. Não! não são úteis êsses concursos! Não valorizam os trajes — e a «vida» dos trajes, de *todos* os trajes, depende da *valorização de todos êles*.

Há em Viana-do-Castelo um museu ⁽¹⁾. Nesse museu, já há muito deveriam estar expostos, em manequins como os do Museu do Instituto Superior de Comércio do Pôrto, os fatos da região, — especialmente os fatos «à lavradeira».

Deveriam lá estar expostos não só os trajes regionais actualmente usados, mas ainda os que já desapareceram do uso, e de que há conhecimento, e até exemplares arrecadados por indivíduos cuidadosos.

Pelo que diz respeito aos «trajes à lavradeira», a série que se poderia reconstituir, desde o passado alcançável até hoje, seria — incontestavelmente — valiosíssima e curiosíssima. Testemunharia a evolução, a história do lindo trajar vianês, e como nêle se foi reflectindo, em progressão ascendente, o bom gosto, a habilidade, a técnica das aldeãs, industriais e consumidoras a um tempo.

E, por seu lado, a gente vianense, a par com a lição que assim o museu de contínuo lhe estaria dando, aí encontraria incitamento à conservação e maior difusão do traje «à lavradeira» por tôdas as terras do concelho em que êle francamente se mostra e por aquelas onde êle mal surge, receoso, desgarrado. E, sôbre isso, esta exposição, altamente valorizadora do fato «à vianesa», contribuiria com eficácia, com triunfo certo, para que êle se não descaracterizasse na sua natural evolução.

Não é necessário explanar razões — tam evidentes

(1) Acêrca de o que deve ser o Museu de Viana, já escrevi na revista *Portucule*, 1, 158, repetindo o que já dissera em 1926 na revista bracarense *Gente Minhota* e até, em 1921 — antes da organização dêle — na revista vianense *Lusa* (iv, 51-52). — A nada se têm movido!...

elas saltam — para avultar a importância e o alcance que teria o expor-se no museu de Viana-do-Castelo o traje que tanta fama lhe dá.

*

* *

Enfim, o trajar «à vianesa» não se deturpará, não morrerá, desde que o saibam valorizar aos olhos das aldeãs, — tarefa bem simples, pois elas, artistas por seu natural, sentem a beleza dos trajes e sabem o encanto e a graça que êles imprimem a seus corpos.

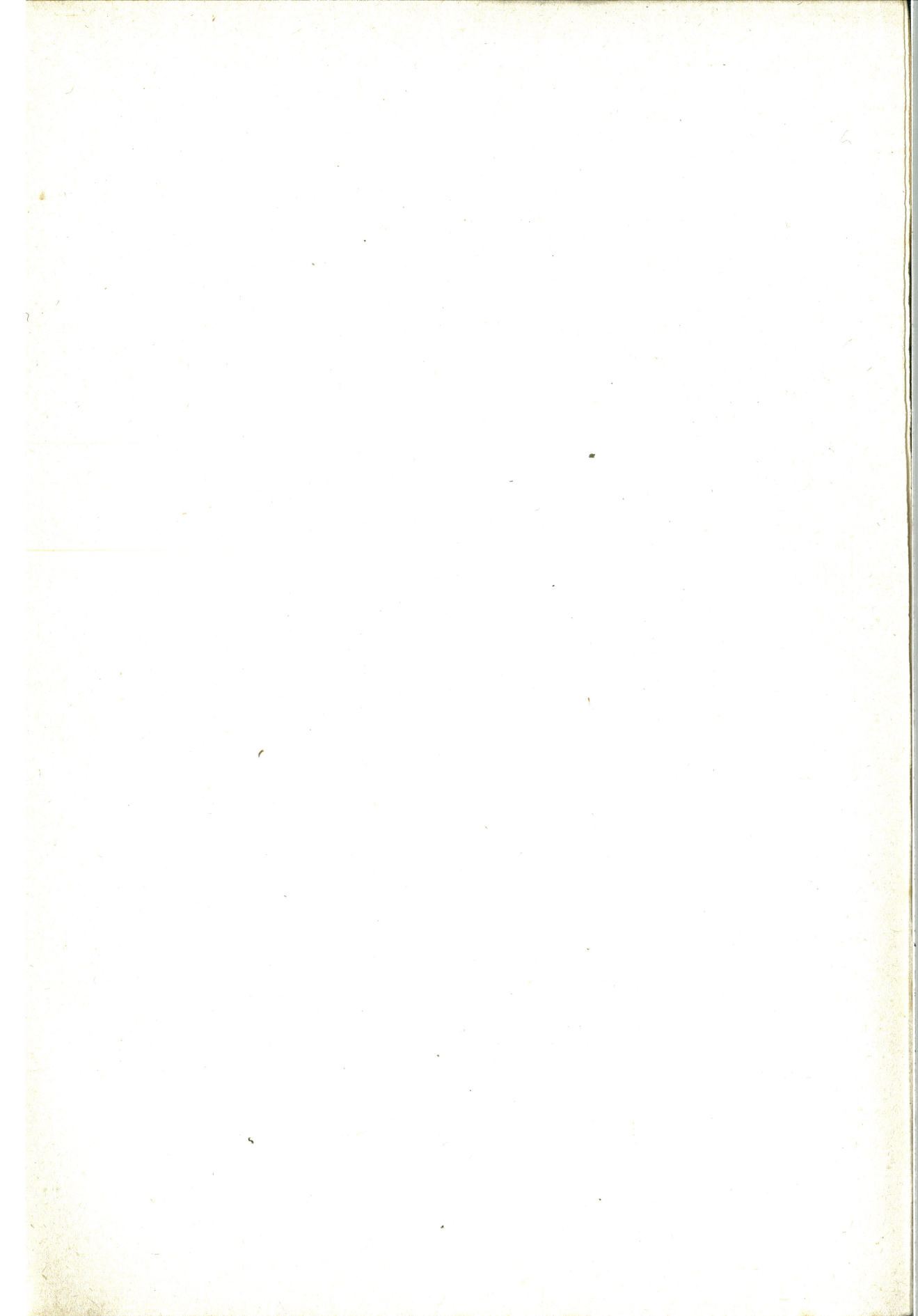
As aldeias que sustentam briosamente o trajar «à vianesa» não são rudes, selváticas; são aldeias progressivas, educadas, quasi núcleos urbanos um pouco apartados da cidade.

Não há, portanto, quaisquer dificuldades na propaganda do trajar «à vianesa».

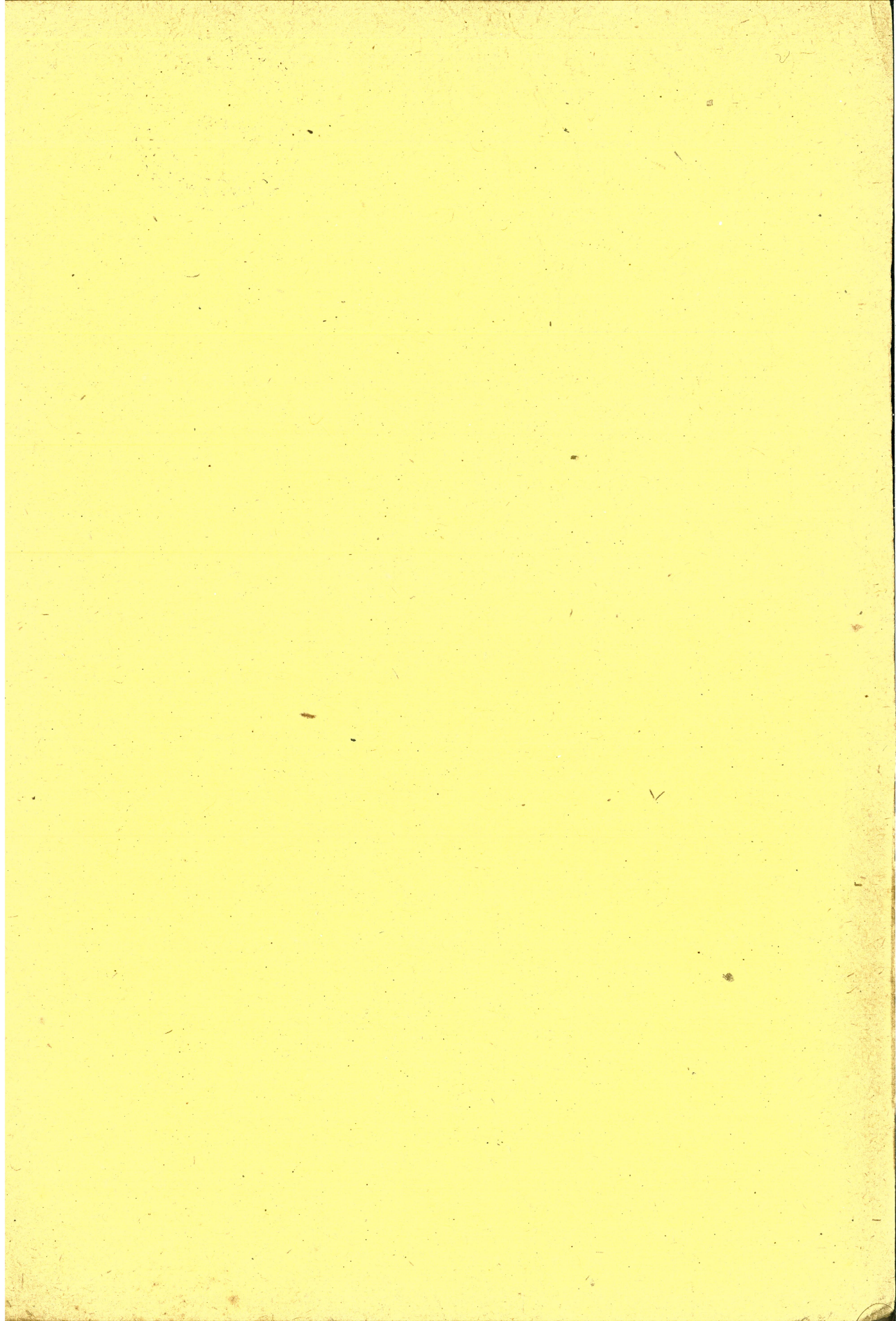
Saibam nas cidades — que tanto influem no espírito dos aldeãos — cercar êsses trajes da admiração e da estima que bem merecem; saibam dar-lhes o valor que na realidade têm, — e as raparigas, espertas e gentis, do maravilhoso recanto português que é o concelho de Viana-do-Castelo, saberão manter, com amor, vitoriosamente, os vários trajes das várias aldeias, os mais elegantes e mais belos trajes do Minho — e de Portugal.

Viana-do-Castelo, Dezembro de 1923, e
Fatela (Beira-Baixa), Agosto de 1930 (1).

(1) O presente estudozinho foi alinhavado em 1923, havendo saído um breve extracto no vol. 1 (e único) da *Colecção «Diário de Notícias»*, com o título *Do traje «à vianesa» em geral e do traje de Afife em especial — Notas regionais*. Foi agora reescrito propositadamente para a *Colecção Estudos Nacionais*, publicandose na íntegra.







ESTUDOS-NACIONAIS

Publicado :

- I—Cerâmica portuense - Dr. Pedro Vitorino**
- II—Os Pelourinhos portugueses - Luís Chaves**
- III—Francisco Bartolozzi - Ernesto Soares**

A seguir:

- V—Como nossos avós aprenderam uma profissão - Emânuel Ribeiro**